



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7159 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

PRÁTICAS DOCENTES VISIBILIZADAS EM COTIDIANOS DIGITAIS

Rosane Tesch de Oliveira - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

PRÁTICAS DOCENTES VISIBILIZADAS EM COTIDIANOS DIGITAIS

Nas sociedades contemporâneas, o prestígio de uma profissão mede-se, em grande parte, pela sua visibilidade social. (NÓVOA, 2009)

Introdução

As perguntas iniciais (1) *Que docências estão visíveis na rede social Instagram da SME/RJ* / (2) *Que imagens da/com a educação essas docências visibilizadas compartilham em suas redes?* deram início à produção de dados para a pesquisa de doutorado cujo principal objetivo é visibilizar e evidenciar a resistência, a autoria e a ação das docências da educação básica em cotidianos digitais. Mas, a investigação não se encerra nelas, pois, como em uma viagem em que elaboramos um roteiro para melhor aproveitar os lugares previamente pensados para visitar, quando nos deixamos levar pelas surpresas, imprevistas e inesperadas, tomamos outros rumos e fazemos novas perguntas para responder ao que se tornou visível naquele espaço-tempo único. E, nada mais vivo do que um vírus, invisível e distanciando pessoas, para mudar a direção prevista no roteiro dessa viagem.

O ano de 2020 certamente ficará na história como um ano em que vivemos excessos do que parece não estar sendo vivido. A ansiedade para retornar às ruas, ou promover aglomerações físicas por uma pluralidade de grupos ao redor do mundo, em função das medidas para conter o novo coronavírus, é um exemplo de que os isolamentos antes visibilizados e criticados em inúmeras imagens de pessoas que, estando juntas, fisicamente, deixavam-se capturar separadas, por estarem imersas em seus dispositivos móveis em redes virtuais, podia ser tudo menos social.



Imagem 1: Isolamentos.

Fonte: Internet. 2020.

As culturas visuais transbordam a pesquisa, e com elas dois conceitos se apresentam como fundamentais: visualidades e (in)visibilidades (HERNÁNDEZ, 2013; CAMPOS, 2016), embasando uma reflexividade com as docências, e/em práticas com a educação, cada qual a seu modo e percurso e na coletividade, visto que “naquilo que somos se encontra muito daquilo que ensinamos” (NOVOA, 2009, não paginado).

Metodologia viva e visual de pesquisa e referenciais para discussão

A metodologia viva (HERNÁNDEZ, 2013) e os métodos visuais de pesquisa (ROSE, 2016) são as opções teórico-metodológicas com a pesquisa em uma dimensão estética que traz, em seu rastro, uma ética e uma política para as práticas cotidianas digitais com a educação. Hernández considera a metodologia viva como única estratégia possível para os estudos da cultura visual, um campo que é transformado continuamente por novas situações e que se modifica em grande velocidade. Rose tem trazido suas práticas-reflexões na perspectiva da vida cotidiana, do virtual-digital e das imagens, não como um fim em si mesmas, mas, a partir das relações sociais e interações que são estabelecidas com elas. A autora fala sobre visualidade, como a visão é construída e o que é permitido ou feito para ver. Uma visualização da existência. Nesse contexto, ratifico, portanto, sem antecipar resultados, que as docências visibilizadas neste estudo têm se apresentado como interatoras, autoras, produtoras, praticantes, com pedagogias que se atualizam, conceitualmente e tecnologicamente, em processos plurais, tendo se tornado ainda mais ativas e visibilizadas com as medidas de isolamento físico imposto pela pandemia.

Considerando, então, o período de fechamento das unidades escolares e do isolamento decretado pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, durante os meses de março a julho de 2020, foi realizada uma curadoria, tendo como critério a seleção de imagens postadas pelas docências da rede SME/RJ, no Facebook e/ou Instagram, cujos elementos verbo-visuais remetessem à área da educação (Pergunta 2). As docências pesquisadas foram visibilizadas a partir de postagens na rede Instagram @sme_carioca, em fase anterior da pesquisa, em 2019 (Pergunta 1).

Lançado em 2010, o Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços, inclusive com outras redes como o Facebook, que foi lançado em 2004, e tem recebido inúmeras críticas, entre elas as ligadas à privacidade de seus usuários e à publicidade. Segundo pesquisa conduzida por Niederer (2018), há diferentes padrões narrativos que moldam os conteúdos das redes. A linguagem visual do Instagram, por exemplo, foi criada em torno da estética e de imagens, ausentes de textos, e é baseada na experiência, enquanto no Facebook seriam postadas imagens de alto engajamento baseados em textos, visando estilos meméticos ou infográficos com “declarações compartilháveis.” (p.21-22). Para pensar as imagens com a educação, Dussel (2009) nos diz que foram assumidas muitas formas visuais na pedagogia moderna e afirma, também, que todos os

códigos e organizações dos espaços foram maneiras de educar os modos de ver a escola, elegendo que sentidos deveriam ser construídos em torno dessas experiências visuais.



Imagem 2: "Aula de forma online".

Fonte: Instagram. 2020.



Imagem 3: Práticas docentes em declarações compartilháveis.

Fonte: Facebook. 2020.

Resultados

Das 37 postagens selecionadas na rede @sme_carioca, em 2019, 11 (onze) citavam nomes de docentes na descrição, em um total de 15 docentes de disciplinas como língua portuguesa e literatura, matemática, ciências e artes visuais. Em uma busca inicial à procura de páginas em redes sociais da docência visibilizada pela @sme_carioca foram encontradas páginas de 7 docentes, sendo 7 no Facebook e 4 no Instagram. Cabe salientar, que as interações em rede propostas virtualmente com a docência podem ampliar esse número visto que, nas redes, podemos utilizar perfis com nomes que não coincidem com o original.

Conclusões

As imagens, em geral, conformam as linguagens para cada rede, mas algumas desconstruem a ideia de imagem que se sobrepõe ao texto, como a Imagem 2 compartilhada no Instagram, produzindo uma reflexividade com e sobre os usos das tecnologias digitais e as práticas docentes (in)visibilizadas na rede. Em todas as imagens é notável a conexão ética e política que vem atrelada às “imagens em rede, conectando operações, operadoras e outros objetos e usuários no trabalho com imagens” (NIEDERER, 2018, p.20).

Segundo Rose (2016), as pesquisas com materiais visuais englobam práticas e criação de significados. As docências interatoras, e as práticas, visibilizam percepções do que é ver e ser visto nas redes cotidianas digitais e algumas das imagens foram compartilhadas por mais de um/uma docente, confirmando os apontamentos de Niederer (2018) sobre a importância das imagens não serem estudadas como separadas de suas redes, mas sim em grupo, principalmente a partir de seu local, do envolvimento do usuário e de outras variáveis.

Palavras-chave: Práticas docentes. Visualidades. Cotidianos digitais.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, R. Visibilidades e invisibilidades urbanas. Revista de Ciências Sociais – periódico do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará – UFC n. 1 (1970) – Fortaleza, UFC, V. 47 – número 1, 2016.

DUSSEL, Inés. Escuela y cultura de la imagen: los nuevos desafíos. *Nómadas*. Universidad Central, Colombia. No. 30, p.180-193, Abril, 2009.

HERNÁNDEZ, Fernando. Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. Tradução de Mirela Adriele da Silva Castro. *Processos e Práticas de Pesquisa em Cultura Visual e Educação*. Raimundo Martins e Irene Tourinho (Orgs.). RS: Editora UFSM. 2013.

NIEDERER, Sabine. *Networked Images: visual methodologies for the digital age*. Inaugural Lecture. Amsterdam: University of Applied Sciences, 2018.

NOVOA, Antonio. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. *Revista Educacion*. ES. 10 p., 2009. Disponível em Acessado em 22 de junho de 2020.

ROSE, G. *Visual methodologies: an introduction to researching with visual materials*. London: Sage, 2016.